

A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO *ETHOS* FAMILIAR NA REALIDADE DO PENTECOSTALISMO NEOCLÁSSICO ARACAJUANO.¹

José Rômulo de MAGALHAES FILHO (Universidade Tiradentes)

RESUMO: As novas relações familiares no pentecostalismo e a participação da mulher nestas relações é o objeto do estudo proposto neste texto. Como as mudanças ocorridas na família nas últimas décadas foram acompanhadas pelo pentecostalismo neoclássico aracajuano, e qual a participação da mulher na construção da identidade do *ethos* familiar no contexto desse modelo de pentecostalismo? O crescimento numérico e a penetração pentecostal em várias camadas da sociedade levam a uma adequação do discurso ético das Igrejas Pentecostais. Esta adequação passou pela mudança do comportamento feminino, que teve em sua inclusão no mercado de trabalho a necessidade de uma releitura do papel da mulher nas relações familiares, e o seu papel no *ethos* familiar. Esta mulher trabalhadora necessitou aumentar o seu nível de escolaridade, e redefinir seu papel na família. Passando de um ser passivo para o ser responsável pela formação da identidade do *ethos* familiar.

PALAVRAS-CHAVE: *Ethos* familiar; pentecostalismo; mulher.

1. Considerações Primeiras

Este texto se propõe a discutir a participação da mulher no estabelecimento do *ethos* familiar no pentecostalismo neoclássico. Estudar a família já é motivador por si, e estudá-la dentro do campo religioso, especificamente o grupo social que tem buscado se estabelecer em vários segmentos da sociedade (política, educação, saúde etc.) é instigante e deveras desafiador.

Diante da proposta inicial, questiona-se qual o papel da mulher na construção da identidade do *ethos* familiar pentecostal neoclássico? Este é o problema central que conduz este escrito. E a partir daí pode-se estabelecer três categorias de análise que naturalmente aparecem para discussão da temática apresentada: *ethos* familiar, pentecostalismo neoclássico e mulher pentecostal.

Assim o texto propõe-se, além do já descrito, possibilitar uma maior compreensão das relações conjugais neste ramo do cristianismo contemporâneo e mostrar como o pentecostalismo neoclássico necessitou adequar-se as novas estruturas sociais, distanciando-se da sua tradição ligada a rigidez, no que se refere a usos e costumes para estabelecer o padrão de *ethos* familiar compatível com a realidade social vivida pelos seus membros. E também demonstrar que é a mulher, nesta nova realidade, que assume a função de conduzir o processo de formação do *ethos* familiar.

Se a condição existencial da família pentecostal neoclássica está vinculada diretamente a sua prática religiosa, então o processo de construção do *ethos* familiar depende de um elemento externo a si mesmo: a comunidade religiosa. O *ethos* assume o papel de morada dos costumes. Desta hipótese pode-se inferir que a formação da mulher pentecostal é um elemento fundamental neste grupo social, pois é ela que assume a função de retransmissora de conceitos religiosos que nortearão o *ethos* familiar, assumindo assim a função de *mater familias*.

A primeira categoria a se pensar é de *ethos* familiar. Partindo do conceito de *ethos* como morada dos costumes, conceito que traz o *ethos* para um lugar comum, o lugar da morada, do *oikos*, no que se refere não só ao ambiente como situação territorial, mas à própria morada do ser

¹ Trabalho apresentado no I CONGRESSO REGIONAL DE CIÊNCIAS DA RELIGIÃO, na Universidade Federal de Sergipe, de 07 a 10 de outubro de 2009. Disponível programação do Congresso em: <http://congressocr.no.comunidades.net/index.php>

humano, espaço de convivência, espaço de criação de vínculos e cuidado mútuo. *Oikos* como interpretação da realidade, lugar no qual a cultura surge. Este é o conceito de *ethos* familiar. *Ethos*, morada do ser humano. Lugar de manifestação da vida humana (BERNARDI, 1989), e familiar por ser família compreendida como “associação de pessoas que escolhe conviver por razões afetivas e assume um compromisso de cuidado mútuo” (SZIMANSKI, 2002, p. 9), ou no pensar antropológico de Bernardi (1989, p. 58-59):

O grupo de parentesco é a família restrita ou nuclear [...] Vale a pena notar como na família surge o primeiro encontro entre o indivíduo-*antropos* e a sociedade-*ethnos*, entre a aspiração à autonomia individual e a obrigação do vínculo social [...] De família nasce família, mas, na realidade, de família nascem indivíduos que desejam e exigem para si plena de autonomia social.

Assim o *ethos* familiar aparece como categoria básica neste texto. O lugar onde indivíduos criam vínculos, se cuidam mutuamente e se preparam para a construção de novos vínculos, novos *ethos* familiares. Lugar de formação de identidade.

Este desafio encontrado na família brasileira são desafios presentes também nas famílias pentecostais. Estudar este ente familiar tendo como base o conceito de *ethos* familiar a partir do discurso religioso pentecostal diante das novas conjugalidades que se apresentam no século XXI, e que estão presentes na sociedade da qual os membros das igrejas pentecostais fazem parte, passa a ser um desafio, e objeto deste estudo.

É o *ethos* familiar o espaço de construção identitária dos membros da família. O sujeito é formado a partir de uma vida de relação (BUBER 2004). E o *ethos* familiar é o espaço relacional de homens e mulheres. Como já afirmado: “espaço de cuidado mútuo” (SZIMANSKI, 2002, p. 9). Mas o *ethos* familiar também tem uma identidade própria, esta formada na relação com outros entes semelhantes. A vida coletiva de famílias dentro do pentecostalismo, permite uma relação entre estes *ethos* familiares, estabelecendo uma identidade comum.

O segundo conceito a ser estabelecido é o de *pentecostalismo neoclássico*, que apresenta-se como aquele que mantém características de um pentecostalismo clássico, chamado por Freston (1996) de pentecostalismo de primeira onda, representado pelas igrejas pentecostais como a Assembléia de Deus e Congregação Cristã no Brasil, mas que constroem novas temáticas socio-teológicas, com severa disciplina pessoal, e penetração mais ostensiva na sociedade. É o grupo pentecostal de segunda onda (FREESTON, 1996), representado por igrejas pentecostais como Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Pentecostal o Brasil para Cristo, Igreja Batista Renovada etc. A idéia de um *pentecostalismo neoclássico* é usada por Mariano (1996) para se referir a esse grupo de pentecostais brasileiros. É neste ambiente religioso específico que este artigo situa a construção identitária do que se conceituou como *ethos* familiar.

Com estes conceitos estabelecidos, *ethos* familiar e pentecostalismo neoclássico, pode-se pensar na terceira categoria que se estabelece para o melhor compreensão da discussão aqui estabelecida: a mulher pentecostal.

O pentecostalismo neoclássico diante dos novos modelos familiares e conjugais tem adotado práticas e discursos que contradizem sua tradição teológica, conforme pontuou pesquisa anterior (MAGALHÃES FILHO, 2007). O crescimento numérico e a penetração pentecostal em várias camadas da sociedade levam a uma adequação do discurso ético-político das Igrejas Pentecostais. A mudança do comportamento feminino, e sua inclusão no mercado de trabalho formal, possibilitaram uma releitura do papel das mulheres nas relações familiares.

Machado (1996) corrobora com a idéia que a mulher pentecostal é elemento fundamental no combate a exploração do homem sobre a mulher. Afirma “que a ideologia pentecostal, centrada na igualdade espiritual, constitui uma ruptura com o padrão machista da cultura latino-americana” (MACHADO, 1996, p. 122). O pentecostalismo descrito como espaço social, que serve a interesses práticos e individualistas das mulheres: o de domesticador de maridos (MACHADO, 1996). Esta relação que se estabelece no pentecostalismo possibilita a construção da identidade do *ethos* familiar pentecostal.

A mulher é vista como elemento fundamental na família. Pela tradição bíblica, seguida pelo pentecostalismo neoclássico, esta mulher deve ser trabalhadeira, sábia, cuidadora do lar e do

esposo, educadora dos filhos, submissa as ordens do marido etc. (BÍBLIA, 1993; MAGALHAES FILHO, 2006). O padrão da mulher que ficava em casa para proporcionar ao marido e aos filhos satisfação, prazer e cuidado, características segundo Singly (2000) do início do século XX e que seguiu como modelo dominante até aos anos 60, estava baseado no ideal cristão de mulher e família. Esta visão trouxe uma pseudo valorização a mulher.

Mas diante das dificuldades sócio-econômicas que o mundo passou, foi necessário modificar este perfil de família. Não há um rompimento total com o modelo predominante do século XX, mas há um “peso maior dado ao processo de individualização” (SINGLY, 2000, p. 15). A centralidade não está no grupo, mas no indivíduo, nos membros do grupo. É neste contexto que o pentecostalismo neoclássico coloca sobre a mulher a responsabilidade de elemento catalizador de sentimentos, desejos, e mantenedora dos vínculos afetivos religiosos. Assim, a mulher pentecostal é percebida como a responsável pela construção de identidades dos membros do grupo e da própria identidade do *ethos* familiar. A mulher continua a ser a *mulher virtuosa* do escrito vetero-testamental.

2. O *ethos* familiar e a construção de identidade

Os modelos familiares consolidados pela tradição clássica (nuclear patriarcal, ou extensa) se diluíram com o avanço da população para os grandes centros urbanos, e com a entrada definitiva da mulher no mercado de trabalho formal. As famílias nucleares clássicas² dissolveram-se, surgindo novos arranjos familiares: família reconstituída, famílias monoparentais, casais homossexuais (com ou sem filhos) etc. (SZYMANSKI, 2002; PETRINI, 2004).

As famílias extensas deram lugar, na classe média a famílias cada vez menores, conforme indica o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), “O tamanho da família brasileira diminuiu em todas as regiões: de 4,3 pessoas por família em 1981, chegou a 3,3 pessoas em 2001. O número médio de filhos por família é de 1,6 filhos.” (IBGE 2007). Por outro lado, famílias extensas, que incluíam três ou quatro gerações, ainda existentes, passam, nas camadas populares a dar lugar a redes familiares (FONSECA, 2005).

O monoparentismo, como consequência de viuvez, se viu invadido pelo monoparentismo de separação conjugal. E com a crise econômica mundial, jovens que antes casavam para constituírem seu lar, passaram a permanecer mais tempo em casa, ou retornaram (com ou sem seus cônjuges), para melhorar sua condição socioeconômica, com há também filhos que retornam a casa dos pais após o fim de um casamento.

O ir-e-vir entre a morada conjugal e a casa paterna (ou materna) não é um fenômeno muito recente. A novidade é o crescimento desta prática e a sua amplitude, atingindo tanto os jovens das camadas populares quanto das camadas médias da sociedade brasileira. Isto porque, as gerações mais velhas foram favorecidas, em períodos anteriores de crescimento econômico, por programas governamentais de financiamento da casa própria, como o sistema do Banco Nacional de Habitação, cujas taxas de juros eram reguladas de acordo com os reajustes salariais. (PEIXOTO; LUZ, 2007, p. 173)

Ao analisar a família contemporânea Singly (2000; 2007), estabelece duas nomenclaturas: a família *moderna 1*, que caracteriza-se pelo foco no grupo e pelo serviço dos adultos à família, em especial às crianças. O segundo modelo é o da família *moderna 2*, que foca sua atenção no individualismo dos membros do grupo. Este individualismo aliado a outros fatores, levaram a um descrédito das pessoas no estabelecimento de relações familiares duradouras e consolidadas.

² No dizer de Petrini (2004, p. 18), este era modelo familiar onde “o homem era o chefe da família, que se dedicava ao trabalho e aos negócios, com uma limitada participação na educação dos filhos, enquanto a mulher estava sob a tutela do marido e se ocupava da casa e dos filhos. O homem era descrito como racional, volitivo, aquisitivo e competitivo, a mulher como emotiva, sentimental, dedicada e solitária”.

A família após ter sido descartada da sociedade ocidental pós-guerra (PETRINI, 2003), voltou a ser pensada no dizer de Fonseca (2005) a partir de um ideal burguês, ideal individualista, sexista e etnocêntrico. Do liberalismo ao marxismo (PETRINI, 2003) a família recebeu críticas e foi sobrecarregada de responsabilidades, porém com seus direitos reais e concretos.

Sarti (2004) afirma que a família do início do século XXI vive uma realidade de desordem, diante de ser difícil determinar de forma clara seus contornos. No pensar de Singly (2000; 2007), esta desordem existe pelo fato de haver uma ênfase na individualização que predomina as famílias da segunda metade do século XX até agora. Esta individualização gera instabilidade.

Por isso, paradoxalmente a família pode parecer frágil e forte: frágil, pois poucos casais conhecem antecipadamente a duração de sua existência, e forte porque a vida privada com uma ou várias pessoas próximas é desejada pela maioria das pessoas (sob certas condições, ou seja, se a família não é percebida com sufocante). A família deve ser designada, para nós, pelo termo de relacional e individualista”. E é nessa tensão entre dois pólos que se constroem e se desfazem as famílias contemporâneas. (SINGLY, 2000, p. 15).

Esta tensão da qual se refere Singly é percebida quando há na contemporaneidade um discurso por uma respeito a opinião do outro, pelos sentimentos, pela individualidade. “A família moderna é uma instituição na qual os membros têm uma individualidade maior do que as famílias existentes anteriormente” (SINGLY, 2007, p. 35). A valorização do *eu* fez com que homens e mulheres mudassem a maneira de conceber a vida em família. O *amor a si próprio*, superou o *amor a família*. E isso possibilitou o que acima se chamou de desordem. Mas desordem por estar fora de uma ordem pré-estabelecida.

Mas ao mesmo de tempo em que há um processo de individualização, há uma necessidade de se estabelecer uma vida relacional. O ser humano é um ser de relação (BUBER, 2004). É nesta perspectiva relacional que o *eu* se percebe como indivíduo. A presença do outro estabelece a subjetividade. Ao visualizar o outro, concebe-se a própria subjetividade, princípio básico para se exercer a intersubjetividade (a vida relacional), “pois o eu e o outro são sujeitos e não mais estão numa dimensão objetivante” (OLIVEIRA apud MAGALHAES FILHO, 2006). A identidade do sujeito é construída na vida de relação. Faz-se necessário que o indivíduo se perceba como sujeito (subjetividade) para poder saindo de si mesmo (individualização) ir para o encontro com o outro.

Na relação entre pessoas, o outro passa a ser Tu [...]. O Tu não é ele (Isso) ou ela, pois, se assim o fosse, seria limitado no tempo e no espaço, o que lhe faria um ponto qualquer, uma qualidade, um modo qualquer de ser, puramente experimentável. Não, o outro é Tu, que está presente e relaciona-se com o Eu, sendo fruto da palavra-princípio Eu-Tu. (MAGALHAES FILHO, 2006, p. 42).

É no *ethos* familiar que estas relações acontecem. Assim percebe-se a importância deste para a construção da identidade de homens e mulheres. Na vida relacional que ocorre no *ethos* familiar se constroem identidades. E identidade é relativo ao que é idêntico, falar de identidade no *ethos* familiar é falar de uma dimensão “intersubjetiva, formal e concreta, da identidade pessoal” (CLAIN apud EWALD; SOARES, 2007, p.24). E a identidade pessoal é construída a partir da ação do indivíduo (individualidade) e da ação do grupo (no caso, o *ethos* familiar).

Os valores, as crenças, as ações éticas são reproduções do ambiente social vivido (EWALD; SOARES, 2007). Em estudo sobre família e pobreza, Sarti (2005, p. 85) afirma que para quem está nos limites da pobreza, família está associada “àqueles em que se pode *confiar* [...] A noção de família definiu-se, assim, em torno de um eixo moral”. Poder confiar significa que ao perceber o outro como sujeito, abre-se um canal de relacionamento. Ele é idêntico, tem-se uma natureza compartilhada. A identidade é construída no coletivo. Inicia-se com a percepção da subjetividade, e manifesta-se em uma vida de relação.

3. O pentecostalismo neoclássico e o processo identitário do *ethos* familiar

É com este entendimento que o estudo das relações familiares no pentecostalismo vem se estabelecer. Compreender, interpretar e demonstrar como ele se adéqua as novas realidades

conjugais, e buscar entender este *ethos* familiar dentro do pentecostalismo neoclássico, é procurar melhor entender este fenômeno social que despontou no Brasil nas últimas décadas.

O pentecostalismo tem se revelado um fenômeno religioso de grande importância, não só para o estudo das ciências sociais, mas acima de tudo para a vida de pessoas que se aproximam destas comunidades religiosas. Este fenômeno social tem sido na contemporaneidade objeto de vários estudos, pois o número de pentecostais tem crescido. No Brasil, segundo os dados de 2007, há aproximadamente 23% de evangélicos do total de sua população, o que representa quase 43 milhões de brasileiros. E 70% deste total se declaram pentecostais. Em Aracaju a projeção feita pela SEPAL³ era de que até o final de 2007 existissem aproximadamente 69.181 evangélicos. Um crescimento de 52,8 % em relação ao Censo 2000. Aracaju conta, segundo dados da contagem da população 2007, com 503.092 habitantes. Sendo assim, os evangélicos em Aracaju, representariam segundo esta projeção 13,75% da população aracajuana.

A partir desta realidade dos números, e da penetração do pentecostalismo neoclássico, através das suas conversões nas camadas diferentes da sociedade, pode-se pensar como este ramo do pentecostalismo brasileiro se comporta diante dos novos arranjos conjugais no qual a família do século XXI tem sido confrontada. Esta família “individualista e relacional” como designou Singly (2000) que se estabelece como *ethos* familiar (lugar de criação de vínculos afetivos, de construção da identidade de seus membros) ela é real e passa a ser objeto de ações planejadas por parte do pentecostalismo neoclássico.

São encontros de casais, encontro de mulheres, palestras para jovens etc. Na vida da comunidade religiosa há uma série de ações para manter os vínculos afetivos dentro do *ethos* familiar, bem como manter este ligado e de alguma forma dependente da comunidade religiosa.

Este modelo de pentecostalismo que chega ao Brasil em meados do século XX, consequência de campanhas evangelísticas no hemisfério norte principalmente dos Estados Unidos da América (FREESTON, 1996) se apresenta como proselitista e adaptado as mudanças que a sociedade norte americana vinha enfrentando. Há um crescimento devido ao uso por estas igrejas de grandes campanhas evangelísticas e do uso do rádio, como meio de divulgação da fé. A influência deste novo ramo do pentecostalismo fez com que segmentos das igrejas protestantes históricas aderissem ao pentecostalismo, o que levou a cismas em algumas delas.

Por ser um pentecostalismo aberto as transformações da sociedade, o pentecostalismo neoclássico logo aderiu a transmissão de programas televisivos. Criado uma geração de pastores midiáticos, de onde vão surgir novos grupos pentecostais (neopentecostalismo).

Mas a ênfase do pentecostalismo neoclássico sempre foi a manifestação dos dons espirituais, em específico a cura de enfermidades. O crescimento junto a população de baixa renda foi imediato, entretanto por usar meios eletrônicos de transmissão de suas atividades, atingiu também parte da população economicamente favorecida. Principalmente por usar um linguajar menos agressivo do que os pentecostais históricos, e ser mais brando no que se refere a usos e costumes. Essa estratégia possibilitou o crescimento deste ramo do pentecostalismo.

Mas toda a moral do pentecostalismo neoclássico é norte americana. A interpretação das escrituras cristãs tem origem no fundamentalismo bíblico, que predominou as escolas teológicas evangélicas durante o século XX. A abertura a sociedade e a tolerância aos usos e costumes serviam apenas de estratégia de aproximação das camadas com maior poder aquisitivo e de maior formação escolar.

Em seu fundamentalismo, a mulher é ensinada a ser submissa a seu esposo, por ser ela de uma natureza diferente da dele. Ela foi criada por Deus para ser-lhe ajudadora, nunca igual, mas sempre serve (MAGALHAES FILHO, 2007). A leitura literal de escritos bíblicos possibilita a construção de um *ethos* familiar fundamentado na autoridade paterna, no cuidado dos filhos e

³ Servindo a Pastores e Líderes - SEPAL, é uma organização evangélica que dá suporte aos líderes evangélicos brasileiros.

dedicação exclusiva e sacrificial da mulher a casa e ao esposo. É a representação ideal da “família moderna 1” de Singly (2000, p. 15).

Mas diante do acesso a camadas sociais em que as mulheres alcançaram posição e *status* social, este ramo do pentecostalismo necessitou adequar seu discurso.

Quando o feminismo, em pleno século XXI trata de questões sobre a identidade do gênero, a mulher pentecostal penetra nas camadas da sociedade até então fechadas para as mulheres. São professoras, profissionais liberais, parlamentares, ministras de estado, etc. Esta presença da mulher pentecostal a leva a um conflito: o ensinamento geral das igrejas pentecostais e a sua presença na sociedade dita secular. [...] Como resolver este conflito? A própria prática pentecostal levou a solução deste conflito. Por ser desde seu nascedouro uma igreja de inclusão, a Igreja Pentecostal tem adequado seu discurso diante destes conflitos. A disciplina eclesial, prática ainda existente em alguns grupos pentecostais, dá lugar a uma auto-disciplina, colocando no indivíduo a responsabilidade por seus atos (Costa e Jacquet, 2004). Caso ele permaneça no pecado, não recebe as bênçãos de Deus (prosperidade). (MAGALHAES FILHO, 2007).

É neste cenário que pode se perceber o *ethos* familiar. Um cenário de adequação de um discurso religioso as necessidades imanentes do ser humano, trazendo para a relação familiar a responsabilidade de transmitir seus valores e normas de conduta. O *ethos* familiar pentecostal é muito mais do que espaço de relação e de construção de vínculos afetivos, pode ser também espaço de perpetuação de uma conduta domesticadora e objetivante.

Domesticadora por não possibilitar que o indivíduo que deve aprender na vida de relação a constituir-se como sujeito, este indivíduo é vigiado em suas ações e comportamentos, não o fazendo idêntico (construção da identidade a partir do grupo), mas o objetivando, colocando sob este indivíduo uma carga de deveres e ações. Estas condutas objetivantes podem não permitir o desenvolvimento do indivíduo como sujeito, pois ele não teria como ser construtor de seu próprio *eu*.

O *ethos* familiar passa a ser visto como ente que ao se perceber diferente dos outros entes, procura se igualar, deixando de lado suas especificidades, e reproduzindo aquilo que é estabelecido pelos ensinamentos da comunidade religiosa, baseados em uma interpretação dos escritos cristãos direcionados para tal interesse.

Como a identidade é construída no coletivo, o *ethos* familiar pentecostal é coletivamente estabelecido. E cabe a mulher a função de coordenar as ações para que o seu *ethos* familiar não se desestruture (deixe de ter a estrutura que se estabeleceu), ela se for “sábua edifica a sua casa” (BIBLIA SAGRADA, 2007). Assim pode-se falar de uma identidade do *ethos* familiar, mas ainda questiona-se a dos indivíduos que compõe este ente.

4. A mulher pentecostal e sua função no *ethos* familiar

A “família moderna 2” segundo Singly (2000) é caracterizada pela individualização e pelo desejo de se viver uma vida de relação, um paradoxo que mostra a necessidade que o indivíduo tem de perceber-se como ser existencial ao mesmo tempo que revela a necessidade de existir como ser de relação. A mulher “transforma, em parte, a natureza dos laços que a unem a seu parceiro. [...] A abertura de um segundo mercado para as mulheres (além do mercado matrimonial) lhes dá a possibilidade de só viver conjugalmente por motivos amorosos” (SINGLY, 2007, p. 152).

A mulher que vive sua subjetividade lutou (e luta) para que os territórios considerados femininos sejam agora conjugais, e mais ainda: familiares. O poder de decisão na família passa a ser não do homem, mas do casal. A entrada da mulher na vida financeira da família, deu a ela poder de decisão. Ela escolhe estar com o seu parceiro ou não. O rompimento de relacionamentos, antes centrado no homem, passa a ser também de decisão da mulher.

Entretanto, segundo Singly (2007), este maior poder de decisão da mulher é limitado. Para ele a “instituição do casamento desempenha um papel central na produção da diferenciação

sexual” (p. 154). A mulher mesmo tendo sua participação na vida financeira da família, ela é refém de uma estrutura que a coloca em uma condição de dependência do homem.

Esta condição de dependência é segundo Stein (1999), por ser a mulher de natureza diferente da do homem: “A natureza da mulher mostra-se exatamente paralela. Segundo a ordem original, seu lugar é ao lado do marido [...] Mas, seu corpo e sua alma se prestam [...] mais à prática de cuidar, guardar e conservar” (STEIN, 1999, p. 91). Esta natureza feminina, é devido há um chamado existencial para exercer uma função específica: cuidar da formação dos outros seres humanos. Stein procura em uma ótica fenomenológica e cristã, mostrar que mesmo sendo a mulher de uma natureza diferente, sua existência como ser-no-mundo é de fundamental importância na construção de uma sociedade que busca um ser humano melhor.

Esta é a idéia predominante no pentecostalismo. Em pesquisa realizada em 2007, Magalhaes Filho afirma que:

[...] líderes atribuem a condição de submissão a um ordenamento divino, que se estabelece em toda a relação, é o princípio da liderança. Um dos entrevistados, respondendo sobre o ensinamento dado em sua igreja sobre submissão da mulher, afirma que esta é a “Visão mais antiga, que é notória. Quando a gente percebe a qualidade, a importância da mulher na formação do lar [...] Essa é nossa visão. [...] A mulher tem o dom natural para ser mãe [...] E não adianta ela reclamar, porque ela tem isso mesmo. Deus deu isso a ela, e ela vai ter de saber utilizar isso para dentro de sua casa. Tudo na vida tem o princípio de liderança, e não seria diferente na família. E Deus precisou estabelecer alguém como esse líder, como este tronco. E o homem foi estabelecido como tal. E não é nenhum demérito para a mulher ela está debaixo dessa liderança, inclusive para ser abençoada. Mulheres que estão numa posição de liderança lá fora [...] A mulher que é lá fora uma dama de ferro, dentro de casa ela faz questão, ela tem a necessidade de ser a protegida de seu marido [...] Isto está na mulher. Sujeita ao seu esposo, não como seu dono, mas como seu provedor.” Esta idéia de submissão como uma necessidade da mulher, e a percepção do homem não como dono, mas como provedor, revela que na vida de relacionamento social há uma igualdade, mas por uma questão de natureza, a mulher não é só diferente do homem, como “está debaixo dessa liderança, inclusive para ser abençoada”. A mulher é percebida no pentecostalismo como de uma natureza diferente da do homem.

A esta mulher que está sob a autoridade do marido, é a responsável por parte da renda familiar, mas também pela educação direta dos filhos, pelo cuidado da casa, pela manutenção dos vínculos afetivos. Mesmo havendo uma maior participação do homem e dos demais membros da família nas atividades domésticas, consequência de uma ausência física da mulher, devido a sua vida profissional, é dela a responsabilidade do cuidado. É de sua natureza cuidar, educar (STEIN, 1999).

Ela passa a ser a responsável para manter a identidade do *ethos* familiar dentro da expectativa que a comunidade religiosa espera. As palestras, os encontros, as homilias realizadas pela igreja na qual a família está associada é o espaço de aprendizado para a condução e administração de *ethos* familiar. Também é espaço para que ela se identifique com outras mulheres, que como ela, passam pelas mesmas situações.

A identidade de *ethos* familiar é construída na relação com outros *ethos* familiares. E a mulher é o elo de ligação desta relação. Na sociedade externa a família ela aparece como *mater familias*, na relação doméstica ela é o ponto de equilíbrio para a manutenção de uma estrutura que pode impedir a formação de sujeitos livres e autônomos. Inclusive a sua própria autonomia. Este impedimento se dá pelo modo como esta mulher vem sendo formada na sua comunidade religiosa.

Mas também ela pode ser a chave para o estabelecimento de uma transformação social que mudaria o *modus operandi* do pentecostalismo. Ao assumir a responsabilidade do *ethos* familiar, esta mulher pode colaborar na construção de uma geração de sujeitos que relacionam-se com o outro como igual (o outro também é sujeito). Neste caso não se deseja colocar mais um peso sobre a mulher, mas chamar a atenção ao modo como esta mulher pentecostal é formada.

5. Considerações finais

A formação da identidade do *ethos* familiar é condicionada a condição existencial da família. E a existência se estabelece nas relações. O ser humano é um ser de relação (BUBER, 2004). Nas relações entre os *ethos* familiares que ocorrem no pentecostalismo se estabelece esta identidade. Que família teremos em um país pentecostal? Como as relações se estabelecerão a partir de uma pentecostalização do Brasil? Os números apresentam uma realidade crescente. Não só a pentecostalização evangélica, mas o crescimento também de um pentecostalismo católico romano, que surge em moldes semelhantes. Estas questões ficam para serem ainda respondidas.

Há uma valorização da família. Mas também há uma manutenção da idéia de uma *natureza feminina*, e conseqüentemente de uma manutenção das condições aqui apresentadas. Um misto das famílias modernas 1 e 2 apresentados por Singly (2000; 2007).

O pentecostalismo, pode pensar em uma nova família: *a contemporânea 1*. Que teria por base o conceito de *ethos* familiar como espaço de formação da subjetividade de seus membros, levando-os a uma vida de relação, que possibilitaria uma mudanças nas outras relações vividas por seus membros. Construindo espaço de novos *ethos*: *Ethos* familiares, *ethos religiosos*, *ethos* profissionais, *ethos* acadêmicos etc.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. Baurerri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983. 247 p. (Coleção Antropologia; 5)
- CAMPOS, Leonildo Silveira. Protestantismo brasileiro e mudança. In: SOUZA, Beatriz Muniz; MARTINO, Luís Mauro Sá (Orgs.). **Sociologia da religião e mudança social**: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil. São Paulo: Paulus, 2004. p.106-136.
- _____. Protestantismo histórico e pentecostalismo no Brasil: aproximação e conflitos. In: GUTIERREZ, Benjamim; CAMPOS, Leonildo Silveira. **Na força do Espírito**: o pentecostais na Américas Latina.. São Paulo: Pendão Real, 1996. p. 77-120.
- CERVEIRA, Sandro Amadeu. Protestantismo Tupiniquim, Modernidade e Democracia: limites e tensões da(s) identidade(s) evangélica(s) no Brasil contemporâneo. **Revista de Estudos da Religião**, março / 2008, pp. 27-53. Disponível em: <www.pucsp.br/rever/rv1_2008/t_cerveira.pdf>. Acesso em 21 de out. de 2008.
- COSTA, Livia Fialho; JACQUET, Christine. Família e opção religiosa: notas etnográficas sobre a conversão de mulheres ao neopentecostalismo. In: _____. **Família em mudança**. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2004. p. 49-67.
- DURKHEIM, Émile, As formas religiosas da vida religiosa. In: RODRIGUES, J. A (ORG.). **Durkheim, Sociologia**. São Paulo: Ática, 1990, p. 147-203.
- EWALD, Ariane Patrícia; SOARES, Jorge Coelho. Identidade e subjetividade numa era de incerteza. **Estudos de psicologia**, 2007. n 12, p. 23-30.
- ÉPOCA. **A nova família**, São Paulo, n. 293, p. 87-89, 22 dez. 2003.
- FERREIRA, Valdinei Aparecido. Desencantamento do mundo. **Teologia e Sociedade**, vol 1, n. 1, abril 2004, p. 74-85. Seminário Teológico de São Paulo. São Paulo: Pendão Real, 2004.
- FONSECA, Claudia. Concepções de família e práticas de intervenção: uma contribuição antropológica. **Saude soc.**, São Paulo, v. 14, n. 2, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902005000200006&lng=&nrm=iso>. Acesso em: 28 de out. 2008.
- FRESTON, Paul. Entre o pentecostalismo e o declínio do denominacionalismo: o futuro das igrejas históricas no Brasil. In GUTIERREZ, Benjamim; CAMPOS, Leonildo Silveira. **Na força do Espírito**: o pentecostais na Américas Latina.. São Paulo: Pendão Real, 1996. p. 257-276.

_____. **Evangélicos na política brasileira: história ambígua e desafio ético.** Curitiba: Encontro, 1994.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico - 2000: Características Gerais da População: Resultados da Amostra. Disponível em:

<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/populacao/religiao_Censo2000.pdf> . Acesso em 25 de out. De 2008.

IBGE. Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílio 2006: trabalhadores que ganham menos recuperam o rendimento que tinham há dez anos. Disponível em

<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=977> Acesso em 20 de out. 2008.

IBGE. Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios - PNAD 200. Disponível em:

<<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2001/coment2001.shtm>> Acesso em 20 de out. 2008.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação.** Salvador: EDUFBA, 2000.

MACHADO, Maria das Dores Campos. **Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar.** Campinas: Autores Associados, 1996.

MAGALHÃES FILHO, José Rômulo. **Matrimônio e liberdade: uma reflexão sobre o matrimônio.** Aracaju: Edição do próprio autor, 2006.

_____. A mulher pentecostal: entre a prática religiosa e a realidade social. In: Reunião Equatorial de Antropologia. Aracaju: UFS, 2007

MARIANO Ricardo. Pentecostais e política no Brasil. **Ciência e Religião**, maio de 2005.

Disponível em <http://www.comciencia.br/reportagens/2005/05/13_impr.shtml> Acesso em 20 de out. de 2008.

_____. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. Estud. av. , São Paulo, v. 18, n. 52, 2004 . Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300010&lng=&nrm=iso>. Acesso em: 31 2008.

MENDONÇA, Antônio Gouveia. Protestantismo brasileiro, uma breve interpretação histórica.

In: SOUZA, Beatriz Muniz; MARTINO, Luís Mauro Sá (Orgs.). **Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil.** São Paulo: Paulus, 2004. p.49-79.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa.** São Paulo: Pioneira, 2002.

PEIXOTO, Clarice Ehlers; LUZ, Gleice Mattos. De uma morada à outra: processos de re-coabitação entre as gerações. **Cad. Pagu** , Campinas, n. 29, 2007 . Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332007000200008&lng=&nrm=iso>. Acesso em: 25 de out. 2008.

_____; SINGLY, François (org.). **Família e Individualização.** Tradução Angela Xavier de Brito. Rio de Janeiro: FGV, 2000

PETRINI, João Carlos. A relação nupcial no contexto das mudanças familiares. In: COSTA, Livia Fialho; JACQUET, Christine. **Família em mudança.** São Paulo: Companhia Ilimitada, 2004. p. 49-67.

_____. **Pós-modernidade e família: um itinerário de compreensão.** Bauru: EDUSC, 2003.

SERVINDO A PASTORES E LÍDERES. **Um estudo das denominações evangélicas nas regiões do Brasil.** São Paulo, 2005. Disponível em

<<http://pesquisas.sepal.info/modules.php?name=Downloads>> Acesso em 10 de Ago. de 2007.

SCOLA, Ângelo. **O mistério nupcial.** Tradução de Maria de Lourdes Lima. Bauru: EDUSC, 2003.

SINGLY, François. **Sociologia da família contemporânea.** Tradução Clarice Ehlers Peixoto. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

SOUZA, Etiane Caloy Bovkalovski de; MAGALHAES, Marionilde Dias Brepohl de. Os pentecostais: entre a fé e a política. **Rev. bras. Hist.**, São Paulo, v. 22, n. 43, 2002 .

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882002000100006&lng=&nrm=iso>. Acesso em: 28 de ago de 2008

SZYMANSKI, H. Viver em família como experiência de cuidado mútuo: desafios de um mundo em mudança. In: **Serviço Social e Sociedade**. N. 71, ano XXIII, São Paulo: Cortez, Set 2002.

WAGNER Adriana; LEVANDOWSKI Daniela Centenaro. Sentir-se bem em família: um desafio frente à diversidade. **Revista Textos & Contextos** Porto Alegre v. 7 n. 1 p. 88-97. jan./jun. 2008. Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/fzva/ojs/index.php/fass/article/viewFile/3940/3204>>

Acesso em 20 de out. 2008.